

O PERMEAR HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS DESAFIOS ATUAIS

MORAIS, Suzianne¹
VILLELA, Pollyana²

RESUMO: Este trabalho tem como propósito apresentar e analisar o percurso histórico e cultural que a Educação Física vem sofrendo no Brasil desde o século XIX até os dias atuais, com vista a possibilitar a compreensão de que esta assim como outras instituições e organizações sociais estão relacionadas com as necessidades políticas, econômicas e culturais do meio; de forma que novas propostas pedagógicas e de intervenção ao meio por mais que apareçam, sempre haverá a necessidade de novas reformulações no campo teórico e prático, assim como novos desafios irão surgir.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Física – Teorias Pedagógicas – Sociedade

INTRODUÇÃO

A Educação Física assim como qualquer outra instituição que se relacione com a sociedade possui reciprocamente influência nas organizações sociais desde em necessidades quanto possibilidades para gerar uma harmonia social. E para que seja possível conhecer e até mesmo questionar a atualidade na qual esta perpassa, houve a necessidade de conhecer todo nosso permear histórico-cultural para que se possa analisar e buscar novas indagações.

Para começar, será demonstrada neste trabalho a inserção da Educação Física no Brasil, para que finalmente se possa compreender a necessidade de buscar maiores informações e estudos acerca das teorias pedagógicas críticas, que devem buscar propiciar ao homem possibilidades de criticidade e compreensão de sua realidade para sua atuação na sociedade.

EDUCAÇÃO FÍSICA: DO HIGIENISMO AO TÉCNICO-PROFISSIONAL

Em meados do sec. XIX, a sociedade brasileira ao ver o desenvolvimento dos países europeus, se viu forçada a progredir no plano econômico e social. Com isso, se viu a necessidade de estruturar uma nova organização que desse a sociedade eficiência e obediência para uma nova produção industrial e organização burguesa. (CASTELLANI FILHO, 1994)

É neste momento que a Educação Física se vê necessária a uma nova organização e modelação do homem pautada em novas ações e pensamentos de orientações biológicas e

¹Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás – ESEFFEGO.

² Acadêmica do 8º período do curso de Educação Física na Universidade Estadual de Goiás – ESEFFEGO.

Endereço eletrônico: suzianne.morais@hotmail.com

positivistas, buscando uma educação não somente ao nível físico, mas também biológico e moral. Com este auxílio, ela buscava cuidar e manter o corpo em ordem em questões de higiene e hábitos sociais de acordo com sua classe, e de preparação física para obedecer às necessidades capitalistas e políticas. (SOARES, 2004)

Vale dizer que de forma geral e principalmente nas escolas, a hierarquização de classes e o desenvolvimento trabalhado para com o aluno era diferenciado: aos futuros proletários se esperava obediência e disciplinamento do corpo para trabalhos que lhe garantiam a subsistência, enquanto para as famílias de ordem burguesa havia o incentivo ao desenvolvimento intelectual, pois por eles o país iria se desenvolver.

Com isso, o Brasil assim como outros países seguiu a princípio os modelos ginásticos europeus. Neste trabalho, não iremos nos aprofundar nas escolas ginásticas, mas dentre as mais conhecidas e de influência no Brasil foram o método Alemão com mais repercussão para fins militares; o método Sueco, que defendido por Rui Barbosa esteve mais presente nas escolas devido ao seu caráter higiênico e disciplinador; e o método Francês que realçava sua preocupação com a formação cívica e moral; em que ao influenciar toda a organização social, buscava disciplinar o homem e prepará-lo para o desenvolvimento do país (desenvolvimento este que não há consciência e oportunidade de refletir e conhecer com clareza sua realidade).

Apresentando algumas particularidades a partir do país de origem, essas escolas, de um modo geral, possuem finalidades semelhantes: regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e doenças); promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir à pátria nas guerras e nas indústrias) e, finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos) (SOARES, 2004, p. 52).

A mesma também aponta que para melhor orientação e controle da sociedade frente a comportamentos ideais, houve a influência da classe médica, do Estado e dos meios midiáticos que interferiam nos hábitos de trabalho, família e lazer divulgando uma sensação de saúde e bem-estar, que ainda é possível observar na atualidade, que de forma obscura vezes nos deparamos com questões ditas como corretas e eficazes para melhor obtenção de sucesso e harmonia, em que além de não considerar a realidade das classes populares ditas como um espírito vicioso, não garantia possibilidades de ascensão.

O discurso higienista na Europa do século XIX veiculava a idéia de que as classes populares viviam mal por possuírem um espírito vicioso, uma vida imoral, liberada

de regras e que, portanto era premente a necessidade de garantir-lhes não somente a saúde, mas fundamentalmente a educação higiênica e os bons hábitos morais (SOARES, 2004, p. 25).

Posterior à Segunda Guerra Mundial, a sociedade necessitou de um homem mais produtivo e eficiente, levando a Educação Física para um eixo desportivo e profissionalizante que auxiliaria a manter a organização no país, pois com a valorização e propagação destas modalidades que influenciavam não somente o campo escolar como também os momentos de lazer e trabalho, era possível manter os privilégios de poucos nas mãos de muitos. (CASTELLANI FILHO, 1994)

É possível dizer que a Educação Física e o meio como um todo não se preocupava com um homem total, mas sim de forma fragmentada, na qual não lhe apresentava possíveis chances para que este pudesse se desenvolver no plano corporal, moral, e intelectual.

Lovisolato e Junior (2003) até discutem sobre uma nova roupagem do higienismo, onde as necessidades e pressões que a sociedade nos impõe podem até ter sido mudada, mas ainda há semelhanças acerca dessa modelação do homem na atualidade.

AS TEORIAS PEDAGÓGICAS CRÍTICAS E SEUS DESAFIOS

Entre a década de 70 e 80 no Brasil, as discussões acerca de novas pedagogias se ampliaram com o apoio das ciências humanas, da filosofia e da sociologia, levando-as a discutir acerca da sociedade que nos cerca.

Com Valter Bracht (2009), ao analisarmos algumas teorias pedagógicas que trazem a criticidade como sua base central, este apresenta a crítico-superadora baseada principalmente na pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Dermeval Saviani e colaboradores no livro *Metodologia do ensino da educação física*, onde sua área de conhecimento é a cultura corporal que pode e deve ser trabalhada em ciclos em seus diferentes temas (dança, jogos, esporte, ginástica, lutas). O mesmo também destaca a proposta de Elenor Kunz, que fora o principal formulador da teoria crítica-emancipatória, onde pelo movimentar-se humano há uma interação com o mundo.

Queremos ressaltar que as teorias pedagógicas críticas buscam ir além de uma educação baseada ao nível intelectual ou corporal, ela busca auxiliar numa formação partindo de um plano superficial para um concreto, em que haja discussões e problematizações com os alunos e com o ambiente em volta sobre a realidade em que vivem para possíveis ações e intervenções.

(..)as propostas buscam ser um “antídoto” para um conjunto de características da cultura corporal ou de movimento atuais que, segundo a interpretação dessas abordagens, por um lado, são produtoras de falsa consciência e, por outro, transformam os sujeitos em objetos ou consumidores acríticos da indústria cultural. (BRACHT, V., 1999, P. 81)

Partindo do conceito de que essas e outras teorias críticas possuem uma boa argumentação e finalidades que buscam garantir uma nova formação do homem e organização social, estas encontram certa dificuldade de não somente interpretar essa busca de transformação educacional nas escolas, como também de executar para tais práticas (NOGUEIRA, 2003 *apud* MCLAREN, 1998)

O fato é que mesmo as teorias críticas sendo constantemente pesquisadas e aprofundadas, essas assim como qualquer teoria pedagógica não pode ser vista como uma fórmula ou método fechado, ao lidarmos com pessoas e realidades diferentes o professor assim como toda a comunidade escolar devem discutir o que pode ser experimentado e realizado naquele meio tendo em vista um desenvolvimento íntegro e claro.

Há também a idéia de que as proposições, mesmo não apontando isso, transformam-se em manuais, em guia para dar aulas. Isso é extremamente confuso e estranho, pois, mesmo as proposições que não trazem uma sistematização da prática educativa do ensino da Educação Física transformam-se em livros mágico, na “bíblia” em que se encontra a resposta para todas as situações enfrentadas ou a enfrentar no cotidiano escolar; em alguma página, a saída estará lá. (HENKLEIN, 2007, p. 130 *apud* CAPARROZ, 2001, p.205)

O mesmo também aponta a idéia de que possa haver profissionais do campo pedagógico que busquem seguir uma única teoria dada por ele como perfeita ou simplesmente capaz de solucionar todas as suas dúvidas, o que não deveria ser pensado assim, pois todas as teorias, ensaios e experiências são tentativas e diálogos de experiências para melhorar cada vez mais a qualidade educacional que é direito do aluno. Sempre haverá novas necessidades de qualificação e conseqüentemente haverá necessidades de se experimentar e pesquisar novas abordagens e possibilidades de se interagir com o meio.

É sabido que dificuldades e desafios serão postos em qualquer instituição escolar devido à falta de conhecimento e de insegurança frente ao novo, a ausência de valorização frente a novas ações nesse espaço, ou até a falta de recursos técnicos e intelectuais para sua legitimação, mas é neste momento que o professor deve com seus alunos e a comunidade buscar com respeito e diálogo novos conhecimentos e interpretações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse cenário que a Educação Física vem passando desde o sec. XIX aos dias atuais pode-se entender que todo esse processo esteve e constantemente estarão relacionadas com os anseios e necessidades da sociedade de forma que nada estará dado como completo pelo contrário, sempre haverá a necessidade de se estudar e ir além dos caminhos educacionais já percorridos no sentido de buscar a cada dia uma melhor educação aos futuros cidadãos que ao conhecer, analisar, criticar e tomar suas próprias decisões acerca de como agir e sentir, este terão um futuro mais propício e próximo de seus direitos como um homem co-participante do meio.

REFERÊNCIAS

BRACHT, VALTER. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**. Ano XIX, n.48, Agosto, 2009.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 4ª ed. Campinas, Sp: Papirus, 1994. (Coleção corpo e motricidade).

HENKLEIN, Ana P.; SILVA, Marcelo M. e. A concepção crítica-emancipatória: avanços, possibilidades e limitações para a educação física escolar. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, Julho/dez., 2007.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo; JÚNIOR, Edivaldo Góis. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Rev. Bras. Cienc. Esportes**. Campinas. v. 25, n.1, p. 41-54, Set. 2003.

NOGUEIRA, Quefrén W. C. Educação Física e Pedagogia Crítica: praticar o discurso? **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21 n.1, p.179-197, Jan./jun. 2003

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção educação contemporânea).

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: Normas e técnicas**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUZA, Larissa Silva. **Ginástica e Indústria Cultural**. Goiânia: UEG, 2004, 45p. (Monografia, graduação em Educação Física).